

“Às vezes, ficam chamando o bairro São João Bosco de ‘Vila’

estas pessoas devem parar de falar estas coisas, nosso bairro é um bairro como qualquer outro”

Por Eliana Gasparini Xerri¹ e Spagnol Tobias

Resumo

O papel da escola é relevante na construção da identidade dos sujeitos. O ensino de história tem papel fundamental na formação da cidadania, ao estimular no estudante a criticidade partindo de uma reflexão de natureza histórica. Percebendo a significativa função social exercida pela escola, esse trabalho tem por objetivo examinar a construção da identidade dos moradores do Bairro de periferia São João Bosco – PROMORAR, localizado no município de Nova Prata, Rio Grande do Sul – Brasil. O estudo faz parte da pesquisa intitulada “A escola e o bairro: o papel da Escola Padre Josué Bardin na construção da identidade dos moradores do bairro São João Bosco”, que foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação Lato Senso, Mestrado Profissional em História, da Universidade de Caxias do Sul.

Palavras-chave: Escola, Identidade, Bairro, Ensino, História.

Abstract

The role the school plays in building the identity of subjects is relevant. The teachings of history have a fundamental role in the shaping of citizenship, by stimulating in the student the criticality from a historically natured reflection. Noticing the significant social function exercised by the school, this paper aims to examine the building of identity of the dwellers of the low income neighborhood of São João Bosco – PROMORAR, located in the city of Nova Prata, Rio Grande do Sul – Brasil. The paper is part of the research entitled “The school and the neighborhood: the role of the Padre Josué Bardin School in the building of identity of the dwellers of the São João Bosco neighborhood”, which was developed on Post-Graduation Lato Senso Program, Profession Master’s Degree in History, of the University of Caxias do Sul.

Keywords: School, Identity, Neighborhood, Teaching, History.

¹ Drª em Educação-PUCRS, Mestre em História PUCRS. Professora do curso de História e do Mestrado Profissional em História - Universidade de Caxias do Sul

Introdução

Este artigo tem por objetivo compreender a relação entre narrativas, memória e construção identitária, entendidas como construções histórico-sociais. Para essa análise foram utilizadas as fontes produzidas pelos estudantes da Escola Municipal Padre Josué Bardin que participaram da oficina de análise de material. Para nortear essa reflexão, utiliza-se o conceito de memória social e a relação entre lugar e memória, analisando a pluralidade das identidades sociais e as múltiplas significâncias que as recordações podem ter para diferentes atores sociais. (BURKE, 2000)

Consciência histórica e identidade

A construção do conhecimento histórico precisa estar aberta à comunicação com diversos campos do conhecimento e estar ciente das próprias limitações da história como ciência, como apresenta Ginzburg:

Diante da imensidão do cosmo, os tempos da história humana e as pretensões humanas são insignificantes. Se pudéssemos nos comunicar com um mosquito, descobriríamos que até o mosquito se acha o centro do mundo. Mas a pretensão do homem de conhecer a verdade, além de efêmera, é também ilusória. (2008, p.23).

É importante considerar também que a história não busca desvendar o passado, mas sim compreender as relações através do tempo, compreensão essa, que está carregada pela subjetividade de quem a constrói e influenciada pelo meio e tempo em que vive. Como defende Bloch (2001), a história compreende o presente pelo passado e o passado pelo presente. Assim, para refletir sobre a criação de um bairro é necessário analisar a organização urbana, imaginando o que o urbanista e o arquiteto pensaram ao projetar tal obra, bem como todo o conhecimento empregado no trabalho, desde a elaboração do projeto até a colocação dos tijolos. Por isso é importante abordar diversas teorias e práticas urbanas, geradoras de transformações pensadas e colocadas em exercício no Brasil, que organizam o espaço urbano evidenciando as diferenças dos modos de habitar e dos espaços entre ricos e pobres.

No Brasil, falamos de favelas, invasões, cidade-satélite, comunidades e assim por diante. Elas são o reverso do planejamento urbano voltado para a elite e a classe média. Não há teoria urbana capaz de enquadrar as questões básicas para uma política habitacional decente, voltada para toda a sociedade brasileira. No contexto do capitalismo e da globalização, fica evidente que os planejadores e reformadores urbanos não têm condições teóricas e práticas de resolver essa questão. Seria necessário voltar às origens da cidade, em que, pelo menos em tese, a solidariedade, o direito, a cidadania e a “urbanidade” (Sennet) predominavam sobre a expansão urbana bipartida em ricos e pobres (FREITAG, 2012, p.133).

Assim, o conhecimento humano desenvolvido através dos tempos é impossível de ser pensado de uma forma compartimentada, devido à complexidade das sociedades e dos saberes. Ao considerar que a interdisciplinaridade agrega diferentes disciplinas, “construindo pontes” entre elas, com o objetivo de buscar a compreensão dos problemas que apenas uma perspectiva de questionamento não consegue mais responder, é preciso ter ciência que o conhecimento nunca estará completo, portanto, não se tem a pretensão da análise da totalidade, mas busca-se na interdisciplinaridade e no pensamento complexo “um jogo permanente entre o particular e o local com o global e o geral.” (MORIN, 2007, p.27)

Assim, transpondo o conceito de complexidade e de interdisciplinaridade para este trabalho, é preciso conceber o Bairro São João Bosco interligado com o todo, e contextualizá-lo num âmbito maior, “planetário”, relacionando os diferentes conhecimentos ligando o local ao global.

Desse modo, ao problematizar a função da história, Rüsen (2011) aponta a subjetividade formada pela “experiência do tempo, no tempo e sobre o tempo” para o desenvolvimento da consciência histórica, abordando-a como um modo de orientação dos valores morais que guiam nossas ações no presente, como forma de compreender a “dimensão temporal” da personalidade humana que transcende a temporalidade do eu e que está ligado à construção do passado. Trabalhar consciência histórica é compreender a temporalidade na qual o sujeito está inserido, interpretar, apropriar-se e significar as ações no tempo, entendendo que a experiência temporal estabelece as ações no presente e é fator determinante na construção da identidade individual e coletiva. Desse modo, a consciência histórica está intrinsecamente ligada à memória e à identidade (RÜSEN, 2011, p.113). Por isso, o desenvolvimento da consciência histórica está ligado à construção identitária, possibilitando a determinado grupo ou sociedade uma forma de orientação baseada na representação histórica do passado.

Ao tomar o conceito de identidade, a partir da visão da antropologia, Candau (2014) afirma que a identidade

pode ser um estado, referente, por exemplo, a uma forma de catalogação em um documento que estabelece as medidas do corpo, idade, endereço etc. Como representação, que é a forma como o indivíduo se enxerga, ou um conceito, do qual as ciências humanas utilizam.

Esse aparecimento de uma identidade coletiva é resultado de um processo dinâmico de inclusão e exclusão de diferentes atores que agem dentro desses grupos, atribuindo características identitárias, “recurso simbólico mobilizado em detrimento de outros provisória ou definitivamente descartados.” (CANDAU, 2014, p.27). É preciso ver a identidade como representação, construída através das práticas sociais. A construção da identidade faz parte das relações de poder, sendo assim, a identidade também possui o efeito de classificar, de distinguir os grupos sociais. A luta pela definição da identidade distingue os lugares ocupados pelos sujeitos que possuem capital econômico, cultural e social, daqueles que são desprovidos desses bens, reforçando a divisão dos grupos dentro da sociedade.

Essa divisão entre os que possuem e os despossuídos, produto da desigualdade social, cria e impõe fronteiras culturais que são naturalizadas pelos agentes sociais. Assim, a construção do lugar se dá através das relações de poder material e simbólico que acontecem dentro do espaço social, delimitando e classificando as identidades dos agentes envolvidos.

Em resumo, o mercado de bens simbólicos tem as suas leis, que não são as da comunicação universal entre sujeitos universais: a tendência para a partilha indefinida das nações que impressionou todos os observadores compreende-se se se vir que, na lógica propriamente simbólica da distinção – em que existir não é somente ser diferente mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, por outras palavras, a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de firmar oficialmente a diferença – qualquer unificação, que *assimile* aquilo que é diferente, encerra o princípio da dominação de uma identidade sobre a outra, da negação de uma identidade por outra. (BOURDIEU, 2001, p.129).

A diferenciação funciona como alicerce para a dominação de uma identidade perante outras, a identidade construída pela diferença: sou aquilo que o outro não é, existo enquanto sujeito social, construído culturalmente pelo que me difere dos outros sujeitos ou grupos.

Assim, ao trabalhar com identidade, memória e consciência histórica de forma interdisciplinar não somente na análise do objeto de estudo, buscaram-se referências teóricas em outras áreas do conhecimento, assim como no retorno social proposto por este estudo, através de uma oficina de análise de material fotográfico.

Escrevendo a história através da fotografia

A oficina realizada no segundo semestre de 2014, nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pe. Josué Bardin, teve o intuito de trabalhar a construção identitária com os estudantes, inicialmente cinco participantes, alunos do 6º ao 8º ano. Consistiu na exploração de documento fotográfico, com duração de doze horas, que foram divididas em seis encontros, agrupados em três módulos, realizados uma vez por semana em horário extraclasse, nas quartas-feiras de manhã das 9h às 11h, compatível com o horário da escola. O projeto teve como princípio a observação e interpretação de material fotográfico para, a partir dessas fontes e da vivência dos estudantes, refletir sobre o processo histórico no qual estão inseridos, construindo um olhar crítico sobre si, identificando-se. Abordar identidade em um projeto pedagógico, e neste trabalho em específico, é tratar as relações de poder que estão envolvidas no processo da construção da identidade e da diferença, relacionando a estruturas discursivas e a sistemas de representação.

Ver a identidade e a diferença como uma questão de produção significa tratar as relações entre as diferentes culturas não como uma questão de consenso, de diálogo ou comunicação, mas como uma questão que envolve, fundamentalmente, relações de poder. A identidade e a diferença não são entidades preexistentes, que estão aí a partir de algum momento fundador, elas não são elementos passivos da cultura, mas têm que ser constantemente criadas e recriadas. A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição (SILVA, 2011, p.96).

Ao trabalhar fotografia como documento histórico, é necessário ter a percepção que a fotografia é um fragmento congelado de um momento, resultado que assinala a visão do fotógrafo, cristalizando na imagem um instante do tempo. “O produto final, a fotografia, é portanto, resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia.” (KOSSOY, 2001, p.37)

Portanto, a fotografia como fonte histórica, como um registro humano produzido em um contexto temporal e espacial específico, é marcada pela intencionalidade de quem o produziu. Todo registro fotográfico, como qualquer documento, está carregado de subjetividade e signifi-

cações: quando foi produzido, com que objetivo e por quem. Dessa forma, a fotografia, produto final de uma temporalidade específica, é fruto de um processo tecnológico e da seleção do fotógrafo, que através do enquadramento da imagem, seleciona o registro. “O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal”. (KOSSOY, 2001, p.43)

Dessa forma, tanto as fotografias produzidas pelos estudantes, quanto àquelas pertencentes ao acervo do *Jornal Popular*, são um testemunho fragmentado da realidade, produzido através de um filtro cultural. “Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho”. (KOSSOY, 2001, p.50)

No primeiro módulo, que teve dois encontros, foi trabalhada a história local. O foco dessa fase foi, como afirma Pelegrini (2009), “estimular os estudantes a ‘redescobrirem’ suas histórias, memórias e identidades (...)”. Desta forma, a história oral foi abordada a partir de vídeos com entrevistas de moradores do Bairro, pessoas envolvidas na construção da escola, ex-alunos, professores e material pertencente ao acervo da escola. No primeiro encontro os estudantes assistiram aos vídeos com aproximadamente 30 minutos de duração e debateram sobre o material visto, estabelecendo relações com o que sabiam sobre a história do Bairro São João Bosco e da Escola.

No segundo encontro, os estudantes produziram uma redação com o tema – Meu Bairro, Meu Lugar. O objetivo desse módulo foi desenvolver reflexões que possibilitassem ao estudante a compreensão da construção física e cultural do espaço no qual habita, levando em consideração o conceito de história local apresentado no primeiro capítulo. Nesta fase, o trabalho consistiu na triagem, catalogação e interpretação de material documental, em específico a fotografia, que foi dividido em duas categorias: fotos oficiais provenientes do jornal local, *Jornal Popular*, e fotos produzidas pelos estudantes na saída a campo realizada pela oficina.¹

No primeiro encontro, do segundo módulo, foi realizada a saída a campo. Os estudantes, juntamente com o professor responsável pela oficina, todos munidos de câ-

¹Nesta etapa, houve dificuldade em relação aos materiais que seriam necessários para realizar a saída a campo, porque apenas um aluno possuía celular com câmera. Assim, devido à falta de recursos financeiros dos participantes da oficina, que não possuíam dispositivos para a produção das fotografias, como celulares ou máquinas fotográficas digitais, foi necessário recorrer à colaboração de amigos e conhecidos que emprestaram suas câmeras pessoais para serem utilizadas pelos estudantes.

mera fotográfica, saíram da Escola e percorreram as ruas do Bairro, fazendo fotos do que era significativo para eles. O percurso foi escolhido pelos alunos que, ao término de 60 minutos, retornaram à Escola. No segundo encontro foi feita a triagem do material fotográfico, cada estudante escolheu de 5 a 10 fotos, entre as fotografias provenientes do jornal e as produzidas durante a saída a campo, para serem trabalhadas.

No terceiro módulo, dividido em dois encontros, realizou-se a análise e reflexão do material fotográfico organizado na fase anterior. Nos dois encontros os estudantes compararam o passado e o presente, visualizando as permanências e as mudanças do espaço onde habitam, comparando as imagens feitas durante a saída de campo com as imagens mais antigas do Bairro.

A oficina teve por objetivo a interação entre Escola e sociedade, através do ensino de história. Essa relação implica na multiplicidade entre os mais variados elementos que compõem os sujeitos e que são transformados por eles. Desse modo, o lugar e a Escola fazem parte dos múltiplos contextos de vivência das pessoas, construindo uma visão indagadora dos alunos a partir da experiência, reflexões e compreensão da realidade em que estão inseridos. Como afirma Leal:

(...) ao incluirmos na dinâmica do conhecimento proposto, as subjetividades dos jovens participantes associadas ao autoconhecimento, ao fortalecimento da autoestima, à busca de motivações intrínsecas em cada história de vida, a fim de promover o olhar indagador e estético sobre a vida e de toda a produção cultural, social e a existência natural que rodeia cada indivíduo no complexo da coletividade. (LEAL, 2011. p.130).

A interação entre experiência e reflexão possibilita problematizar a relação entre o estudante e o Bairro, dando subsídio para que compreenda a sociedade na qual está inserido. As relações que são estabelecidas e a dinâmica cultural que é resultado de um processo histórico singular permite que o estudante se perceba como agente histórico. Desse modo, ao desenvolver um olhar crítico sobre a sociedade, relaciona-se história e fotografia para produzir conhecimento de forma significativa e representativa para o estudante.

(...) motivando os jovens a construir subjetiva e objetivamente atitudes e competências para atuarem como cidadãos reflexivos, críticos e comprometidos com o ambiente em que vivem, a fotografia se constituiu em meio para a ampliação da percepção estética e criativa sobre os lugares, as paisagens sociais, arquitetônicas, naturais, culturais exploradas. (LEAL, 2011. p.131)

A relação da história com a fotografia possibilita a produção do conhecimento histórico, colocando o estudante como sujeito nesse processo, aproximando a história da realidade, estabelecendo diálogo dele com a sua história. Percebe-se isso na análise feita pelos próprios estudantes que quando comparam as imagens, observam as permanências e as mudanças no espaço ao qual pertencem.

Analizando imagens, produzindo história

A fotografia relaciona as experiências dos estudantes enquanto moradores do lugar, ao processo histórico da formação do Bairro São João Bosco, elaborando a partir disso sua visão sobre a história.

O material selecionado foi escolhido pelos alunos, dentre um acervo de 50 fotografias. A seleção obedeceu a critérios de qualidade da imagem e escrita dos alunos na sua análise. A disposição das fotografias no trabalho observou a colocação por autores e manteve-se a grafia original dos textos produzidos pelos participantes da oficina, para que sua interpretação não ficasse comprometida.

FIGURA 1: Portão de entrada da ABEN (Associação Beneficente e Educacional de Nova Prata)



Fonte: Evandro Ferreira da Silva, 13 anos, estudante do 8º ano do ensino fundamental (2014).

Sobre essa atividade, o estudante relata

Nós indo tirar algumas fotos onde para nós é a segunda casa a ABEN.

A ABEN para mim também é como se fosse uma segunda casa por que em vez de nós estarmos na rua temos um lugar para nos acolher, realizar os temas, encontrar os amigos, temos tudo: café da manhã, lanche e almoço. (Evan-dro Ferreira da Silva, 13 anos, estudante do 8º ano do En-sino Fundamental).

FIGURA 2: Foto aérea do Bairro São João Bosco



Fonte: Arquivo Jornal Popular. (Sem data)

Aqui mostra o nosso bairro já formado. (Evan-dro Ferreira da Silva, 13 anos, estudante do 8º ano do ensino fundamental).

Sobre a análise das diferenças e semelhanças do bairro,

A semelhança que eu acho é que somos humildes, companheiros e outras coisas boas.

As diferenças eu acho que é temos bastante aqui o desmatamento por que antigamente aqui tinha bastante árvores preservadas mas agora está ficando sem nada.

As diferenças foi que foram feitas novas casas, a escola foi crescendo, aumentou a quantidade de moradores do bairro, as oportunidades que mudou o bairro, temos bastante a questão do lixo em vários pontos, foi feito também a construção da nova creche Criança Feliz. (Evan-dro Ferreira da Silva 13 anos, estudante do 8º ano do ensino fundamental).

Observam-se, na análise feita pelo estudante, as características dadas por ele às pessoas do lugar, ressaltando a humildade e “outras coisas boas” que não deixa especificado. Também ficam visíveis, nesse relato, os problemas gerados pelo crescimento espacial e demográfico do Bairro, como o corte de árvores e a diminuição de áreas verdes que circundavam aquele espaço, além do problema do lixo espalhado pelas ruas.

É evidenciado pela escolha dos registros fotográficos a ABEN, tida por esse estudante como “segunda casa”. Esse espaço de socialização que dentre as várias funções que desempenha oferece oficinas, prática de esportes, reforço escolar e alimentação. Assim, essa instituição, que atua há muitos anos no Bairro São João Bosco, possui uma significação social importante pelo trabalho que executa e pela relação que tem junto aos moradores e aos estudantes da Escola Pe. Josué Bardin.

Desse modo, os espaços de socialização como a Escola e ABEN que além de serem instituições educacionais ligadas ao poder público municipal exercem um papel social significativo criando, junto aos moradores, laços de pertencimento e identificação a ponto de considerarem esses espaços como “segunda casa”. Essa reflexão faz relação entre lugar e memória, analisando as múltiplas identidades sociais e as múltiplas significâncias que as recordações podem ter para diferentes atores sociais, neste caso específico para os estudantes que estão construindo a história local comparando a história oficial “contada” por quem vive fora deste contexto. (BURKE, 2000)

FIGURA 3: Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Josué Bardin



Fonte: Fernanda Correia Macanan, 13 anos, estudante do 8º ano do Ensino Fundamental (2014).

Sobre a instituição Padre Josué Bardin, a estudante relata que

A escola é muito importante, pra mim ela representa minha segunda casa. (Fernanda Correia Macanan, 13 anos, estudante do 8º ano do Ensino Fundamental).

Também relaciona as diferenças e semelhanças do bairro:

A escola mudou muito, ainda tinha o ginásio ao ar livre, tinha poucas salas e não tinha portão.

O bairro era pequeno comparado com hoje, porém não havia lixo e animais pelas ruas como hoje tem. Tinha muito poucos habitantes e várias casas em construção...

As semelhanças é que ainda tem bastantes árvores, casas bem pertinho uma das outras etc...

As diferenças é que não tinha ainda as “casinhas”, o lixo os animais etc... (Fernanda Correia Macanan, 13 anos, estudante do 8º ano do Ensino Fundamental).

Ao abordar a escola como “segunda casa” nota-se que esta instituição tem forte presença no Bairro por iniciar sua atividade concomitante a sua criação. Assim, a Escola ultrapassa a função de instituição de ensino, possuindo uma função social dentro do seu espaço de atuação. Outro ponto de análise feito pela estudante é o aumento físico da Escola e do Bairro, necessários para atender o aumento demográfico, bastante significativo desde o início do PROMORAR até hoje. Também são abordadas outras mudanças transcorridas com o prédio da Escola como a construção da cobertura para a quadra de esportes e a colocação de portão e grades que demarcam o espaço da Instituição. A colocação de grades demonstra a preocupação em garantir a segurança do patrimônio contra invasões e furtos, mas também cria uma barreira entre a Escola e a co-

munidade em que está inserida, criando um obstáculo físico e simbólico entre a instituição e os moradores.

Além desses, outros aspectos ressaltados foram o arquitetônico “casas bem pertinho uma das outras” e “as casinhas”, demonstrando a diferenciação na forma de construção das casas, já que as primeiras 204 eram geminadas e as construções populares mais recentes, denominadas pelos moradores de casinhas, possuem uma outra configuração, não são geminadas, possuem terreno e área construída maior. Como é o caso do Bairro Citadella², que se localiza na proximidade do Bairro São João Bosco, separado por uma rua, possui outra configuração tanto na forma arquitetônica como na construção das casas e no tamanho do terreno como fica evidenciado na FIGURA 5.

FIGURA 4: Foto do Bairro São João Bosco.



Fonte: Maria Eduarda, 12 anos, estudante do 6º ano do ensino fundamental (2014).

FIGURA 5: Foto do Bairro Citadella.

² Lei Municipal nº 7960/2011, de 05 de maio de 2011.

Art. 1º Fica Denominado como BAIRRO CITADELLA, área abrangendo os Loteamentos Morar Melhor, Basalto IV e Basalto V e áreas remanescentes, conforme demarcado no mapa anexo que faz parte integrante da presente Lei.



Foto: Laura, 12 anos, estudante do 6º ano do Ensino Fundamental (2014).

A estudante também relata os problemas enfrentados pelos moradores, como o lixo e a grande quantidade de animais domésticos que circulam pelas ruas. Fica claro, pela análise das fotografias e a produção do texto, que a aluna possui uma visão crítica sobre esse espaço, compreendendo as transformações sofridas ao longo dos anos e as mudanças negativas que resultaram. Essa construção da criticidade só é possível através da interdisciplinaridade, da relação da história com as demais áreas, neste caso específico com a fotografia, tendo como objetivo de análise o olhar estético dos estudantes sobre o ambiente em que vivem, desenvolver um olhar crítico sobre este espaço, compreendendo que a localização geográfica determinada a eles está demarcada pela posição social que detém.

Nesse sentido, é preciso fazer relação entre o espaço social e espaço físico, já que as estruturas de ambos estão interligadas e produzindo e reforçando as hierarquias e as distinções sociais. Os agentes sociais se constituem na relação com o espaço social que ocupam, e o espaço social se constitui a partir das distinções sociais que o constituem. Assim, o espaço social é marcado por símbolos de diferenciação que demarcam as diferenças e a hierarquias presentes na sociedade.

Essa estrutura social hierarquizada contribui para a perpetuação das posições sociais dos indivíduos, naturalizando as desigualdades, negando que sejam fruto de uma construção histórica. No processo de naturalização das diferenças e da incorporação das estruturas sociais, encontram-se os distanciamentos espaciais que reafirmam as distâncias sociais. Dessa forma, “como o espaço social encontra-se inscrito ao mesmo tempo nas estruturas espaciais e nas estruturas mentais que são, por um lado, o produto da incorporação dessas estruturas, o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce, e, sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência despercebida.” (BOUDIEU, p.163, 2012).

Trazendo esses conceitos para a análise do material fotográfico, a fotografia como documento não consiste apenas em representar um olhar estético sobre determinada paisagem, mas é um registro visual que contém informações multidisciplinares. Apresenta informações sobre a geografia do lugar, arquitetura, formas de morar e transformações históricas que são observados e captados pelo fotógrafo constituindo-se em fonte histórica para o ensino de história.

Assim, é importante ressaltar os estudos de Barbero (2001), ao analisar as mídias e mediações na América Latina que aponta as “culturas de bairro”. Nesse sentido, a cultura de bairro vai se configurar a partir de três campos: escola, que apesar de ser constituída de fora é dotada de significado próprio; o comércio, que são criações autônomas dos setores populares; e os clubes³. Nesses ambientes, vão sendo tecidas as relações sociais, desenvolvendo uma nova institucionalidade, que fortalece as relações de sujeitos coletivos. Dessa forma, os campos sociais do Bairro colaboram para a construção de uma identidade popular

O bairro aparece aí definido a partir de duas coordenadas: o movimento de deslocamento espacial e social da cidade por força do “aluvião imigratório” e o movimento de fermentação cultural e política de uma nova identidade do popular. Recosturando solidariedades de origem nacional ou de trabalho, o bairro inicia e entretece novas redes que têm como campos sociais a quadra, o café, o clube, a sociedade de fomento do comitê olímpico. A partir deles vai se forjando “uma cultura específica dos setores populares, diferente da cultura dos trabalhadores heróicos do início do século, e também distinta da cultura do ‘centro’, com relação a qual ela era frequentemente definida.” (BARBERO, 2001, p.283).

O Bairro possui uma construção histórico-cultural própria que está ligada ao processo histórico nacional e global. Partindo desse princípio, o Bairro transcende o espaço geográfico, não esgotando as questões entre suas fronteiras, contudo nele são articuladas as soluções dos problemas locais a um projeto social global.

Reafirma-se que o papel da Escola é relevante na construção da identidade dos sujeitos. O ensino de história tem papel fundamental na construção da cidadania, ao estimular no estudante a criticidade partindo de uma reflexão de natureza histórica. Evidenciado isso através da oficina que permite perceber tanto a reprodução de identidades externas, impostas, quanto acima de tudo demarcar olhares identitários próprios dos alunos. Desse modo, a fotografia faz parte da construção da memória individual e coletiva,

³Utiliza-se aqui a palavra clube, mantendo a nomenclatura usada por Barbero (2001) para designar neste trabalho associações ou espaços como a Casa da Sopa, o campo de futebol, a Associação dos moradores.

sendo um objeto de informação e emoção que apresenta o registro de fragmentos cristalizados no tempo. É uma forma de leitura do mundo feita através do filtro cultural do fotógrafo que capta determinado registro visual e temporal que ficará cristalizado enquanto tal imagem existir.

Visões sobre o bairro: A história do bairro através da narrativa textual de alunos moradores

Ao abordar construção identitária, é necessário compreender que a identidade não é mais encarada como algo estável e duradouro, fator que garantia a estabilidade do mundo social. Segundo alguns, na pós-modernidade as identidades são plurais, voláteis e estão constantemente em construção e desconstrução, fragmentando o indivíduo moderno. Dessa forma, a “chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.” (HALL, 2004, p.7). Partindo desta análise, percebe-se que as mudanças estruturais pelas quais a sociedade moderna está passando fragmenta

as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.” (HALL, 2004, p.9).

Outro importante aspecto é a fragmentação e pluralidade das identidades aceitas pelos indivíduos, que assumem identidades provisórias, de acordo com as vivências e as situações na qual estão inseridos, assim

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2004, p.12).

Para trabalhar a construção identitária, é importante se ter claro que ela parte do processo de formação histórica dos indivíduos e do ambiente em que vivem. Assim, a identidade é moldada pela experiência histórica individual e coletiva. Para compreender o processo de desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes que participaram da oficina, buscou-se nas suas narrativas textuais a respeito do Bairro, a visão que possuem sobre a formação histórico social do lugar, e, como este processo faz parte da construção de si.

Ao abordar a importância da competência narrativa para a consciência moral, Rüsen (2011) demonstra a ligação entre: *consciência histórica*, *valores morais*, que servem como guia de comportamento e a *ação* que está ligada a subjetividade. Dessa forma, a consciência histórica serve como uma bússola, por orientar baseada no passado as ações vividas no presente. Nessa perspectiva, o autor defende a importância da história “O histórico como orientação temporal une o passado e o presente de tal forma que confere uma perspectiva futura à realidade atual.” (p.91). O passado visto como experiência mostra as mudanças no tempo do qual fazemos parte.

Assim, o texto a seguir demonstra essas relações:

O bairro onde moro se chama “São João Bosco”, mais antigamente o chamavam de “Promorar”, não tive a oportunidade de acompanhar as primeiras casas que foram construídas, as 204 casas para as 204 famílias.

As vezes ficam chamando o Bairro São João Bosco de “Vila”, estas pessoas devem parar de falar estas coisas nosso bairro é um bairro como qualquer outro. Eles devem pensar que o bairro deles é melhor que o nosso, mas eles não conhecem a verdadeira história do bairro. Eles também falam mal da escola porque a escola é da “vila” eles que pensem como é a escola deles e venham passar um dia aqui para eles verem como é o Bairro São João Bosco.

Agora temos a caixa d’água que talvez melhora as faltas de água no bairro, também está começando a construção de novas casas no bairro do lado da escola onde vai dar moradia a outros moradores. (Evandro Ferreira da Silva, 13 anos, estudante do 8º ano do Ensino Fundamental).

Ao mencionar a forma como o Bairro é denominado, pejorativamente de “Vila”, o estudante faz uma crítica a respeito da visão externa sobre o lugar em que habita, apontando que o “bairro é um bairro como qualquer outro” e justifica esse olhar negativo pelo desconhecimento que as pessoas têm sobre o Bairro e sua história.

Ao abordar identidade e diferença, nesse contexto, é preciso compreender a relação de interdependência entre ambas, ao afirmar que se tem uma identidade, negam-se

outras que não se têm. Ser da “vila” significa não pertencer a outros bairros ou ao centro da cidade. Afirmar determinada identidade, também é dizer o que não somos, o que nos difere. “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.” (SILVA, 2013, p.75).

Dessa forma, a identidade é uma construção simbólica e discursiva, marcada pela instabilidade e fluidez, que se produz como tal e ganha sentido em relação a uma rede de significações formada por outras identidades que também não são fixas. “Em suma, a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem.” (SILVA, 2013, p.80).

Ao falar sobre a Escola, o aluno aponta a visão negativa que há a seu respeito por ser da “vila”, reafirmando o preconceito existente com os moradores do São João Bosco e com as instituições que lá atuam, evidenciando uma visão enraizada que a escola por ser pública, por atender um público de baixa renda e estar localizada na “vila”, possui menor qualidade de ensino. O estudante também relata a construção da caixa d’água que resolveu o problema de abastecimento, o qual afetou os moradores por muito tempo. Além disso, aborda o crescimento físico e demográfico do lugar, com a construção de novas casas e a expansão do Bairro. Dessa forma, ao analisar o espaço em que habita, o estudante compreende e problematiza o processo histórico no qual está inserido, dando significado ao tempo, compreendendo a relação entre passado e presente e, assim, desenvolvendo sua consciência histórica.

A função prática da consciência histórica é guiar a ação, e essa orientação temporal e subjetiva parte da concepção de mundo que transcende a existência como indivíduo, por fazer parte de uma temporalidade muito mais extensa.

Abordar a competência narrativa é elencar os três pilares: forma, conteúdo e função, que constituem a narração histórica por desenvolver as competências de experiência, interpretação e narração históricas, dando sentido ao passado vivido ao interpretar, apropriar-se e significar as ações no tempo. Para Rüsen (2011), o desenvolvimento da consciência histórica, baseado na narração histórica, está estruturado em quatro categorias: tradicional, exemplar, crítico e genético que seguem uma sequência lógica, onde cada uma é condição para atingir outra.

Assim, pode-se conceber que o desenvolvimento da consciência histórica é baseado em experiência, análise, reflexão e compreensão que resulta no respeito ao outro, na emancipação intelectual e na construção de uma consciência ética e moral. Como percebe-se na análise do texto da estudante:

Morar no bairro São João Bosco é muito bom, tem a ABEN, a casa da sopa, o salão, a igreja, a escola e a creche.

O ruim do bairro são as drogas, brigas, lixo, as pessoas destroem as coisas que são para elas mesmas.

Eu ouvi falar que antes da ABEN ser criada era um cemitério e que o bairro era mato, capoeira e antes de ter o nome “São João Bosco” era “Promorar” e tinha 204 casas.

Eu gosto muito de morar aqui tenho amigos, e é muito divertido, por mais que as pessoas falem do nosso bairro ele não é ruim, as pessoas que falam demais, e não sabem o que a gente tem que passar cada dia!!

Ficam chamando nosso bairro de “vila”, “fábrica de marginal” etc... Mas elas tem que entender que nem todos são assim, tem muita gente boa, que mora aqui, gente educada, que respeita e merece ser respeitada!

Sem falar na falta de água, é todo final de semana, quero ver se com essa caixa d’água vai melhorar.

Agora com a caixa d’água melhorou bastante, não tá mais faltando água, mas pode melhorar ainda mais.

E agora estão tendo varias oficinas de dança, canto... Dando mais oportunidades para os jovens mostrar seus talentos.

Por que as coisas que os jovens desse bairro fazem são muito impressionantes e bem diferente dos outros jovens... (Fernanda Correia Macanan, 13 anos, estudante do 8º ano do Ensino Fundamental).

Ao falar que “morar no bairro São João Bosco é muito bom” a estudante argumenta, citando as associações que promovem o amparo aos moradores, que servem também como locais de socialização, de encontro, exercendo inclusive a função de áreas de lazer. Abordando o processo histórico, a estudante menciona a troca do nome do Bairro e fala dos pontos negativos que existem atualmente, como a depredação, o lixo espalhado pelas ruas, o uso de drogas e as brigas.

É importante ressaltar a crítica feita pela estudante à forma como as pessoas enxergam o Bairro e seus moradores. Para ela, os sujeitos que não conhecem o Bairro, ignoram os problemas enfrentados por seus moradores, e, os julgam de forma preconceituosa, generalizando-os com características negativas, referindo-se ao Bairro como “vila” e fábrica de marginal”. Ao falar sobre os moradores, a estudante destaca que “tem muita gente boa, que mora aqui, gente educada, que respeita e merece ser respeitada!”

Formas linguísticas e identidade estão relacionadas, como apresenta Silva (2013), ao utilizar determinadas palavras para descrever um grupo ou indivíduo, faz-se uso de uma rede ampla de atos linguísticos que em seu conjunto definem ou reforçam determinada identidade. Dessa maneira quando é utilizado o termo “vila” ou “vileiro” para se referir ao Bairro São João Bosco ou seus moradores, não está simplesmente fazendo uma referência ao local onde

esta pessoa habita, mas está inserindo em um sistema linguístico que contribui para reforçar a forma negativa que a identidade do morador daquele Bairro carrega.

A eficácia produtiva dos enunciados performáticos ligados à identidade depende de sua incessante repetição. Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença desse tipo não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e, sobretudo, da *possibilidade*, de sua repetição, que vem a força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção de identidade. (SILVA, 2013, p.94).

Tanto a reflexão que os estudantes fazem sobre o processo histórico no qual estão inseridos como a crítica que tecem à essa visão preconcebida que existe sobre o Bairro São João Bosco mostra a forma como eles constroem sua identidade a partir de sua memória, suas experiências enquanto sujeitos e da diferenciação do outro que os enxerga como moradores da “Vila”.

Todas as três dimensões do tempo são temas da consciência histórica: através da memória o passado se torna presente de modo que o presente é entendido e perspectivas sobre o futuro podem ser formadas. A perspectiva sobre o passado domina, é claro, uma vez que a consciência histórica funciona através da memória. Essa consciência está, porém, completamente determinada pelo fato de que a memória encontra-se intimamente ligada às expectativas futuras. O próprio presente é visto, interpretado e representado como um processo em curso na estreita relação da memória com a expectativa de futuro. (RÜSEN, 2011, p.79).

Dessa forma, busca-se na memória a construção de um tempo passado para preencher as lacunas de pertencimento e identidade que a sociedade produz. A busca pela memória de um tempo passado cria vínculos de identidade e pertencimento. Porém, é preciso ter o cuidado para não criar uma representação do passado pelo reflexo do presente, como alerta Nora (1993, p.20).

Considerações Finais

Ao trabalhar com memórias, é preciso estar ciente da alteridade da lembrança. Dessa forma, a lembrança atua sobre o acontecimento, recriando a realidade. “Essa hipótese da alteridade da lembrança se integra perfeitamente à teoria segundo a qual não existe para o homem uma realidade independente de sua intencionalidade. Aqui de novo a ideia de que ‘para a consciência humana nada é simples-

mente apresentado, mas representado”” (CANDAU, 2014, p.67).

Para abordar uma relação entre consciência histórica, memória e identidade é necessário diferenciar memória de história como ciência, pois memória é algo vivo, subjetivo, sujeito a transformações, enquanto que história é uma representação.

Nas narrativas e nas fotografias percebe-se que os estudantes, ao produzir e analisar fontes históricas, atribuem sentido ao passado e conseguem compreender a relação entre identidade, memória e história.

Ao investigar a construção da identidade dos moradores a partir da análise dos textos e imagens produzidas por um grupo de estudantes da Escola e do Bairro em estudo, conclui-se que embora as motivações de formação do Bairro e da Escola não tenham partido dos moradores, as relações estabelecidas nesses espaços fazem com que ambos tenham uma dinâmica cultural própria, que está interligada ao processo de estruturação social nacional.

Também foi possível estabelecer através da “oficina de análise de material fotográfico” a interação entre a cultura do Bairro, a Escola e o ensino de história, e, assim revisitar a história local, colocando os moradores como sujeitos e não como sujeitados de um processo histórico marcado pela segregação e pela anulação da população marginalizada na história da cidade.

Referências Bibliográficas

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2001.

BLOCH, Marc. *Apologia da História*, ou, O Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Bourdieu e a questão das classes: Capital simbólico e as classes sociais. *Novos estudos*. n.96. Julho, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/nec/n96/a08n_96.pdf. Acesso: 08/01/2014.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. *O poder simbólico*. 4ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2001.

_____. *A miséria do mundo*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BURKE, Peter. *Uma História social do Conhecimento II - da enciclopédia à wikipédia*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2012.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. 1º ed. 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

GINZBURG, Carlo. *Relações de Força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FREITAG, Barbara. *Teorias da cidade*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro – 9. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LEAL, Maria das graças de Andrade. Conhecendo a cidade, descobrindo o olhar: uma experiência de educação patrimonial com história e fotografia. *História e Ensino*, Londrina, v.17, n.1, p. 123 -147, jan./jun. 2011. Disponível em:

<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CBwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.uel.br%2Frevistas%2FUEL%2Findex.php%2Fhistoria%2Farticle%2Fdownload%2F11253%2F10024&ei=EmioU9e5AuapsQTutoHgDw&usg=AFQjCNGP7r7ytZhODcCSUu53QUrjM5kKGg&sig2=INmsN9q5XIP-JNQcFQ1okQ&bvm=bv.69411363,d.b2U>. Acesso em 13/05/2014.

MORIN, Edgar. *Desafios da Transdisciplinaridade e da Complexidade*. In: AUDY, Jorge Luís Nicolas; MOROSINI, Marília Costa (Orgs.) *Inovação e Interdisciplinaridade na Universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio cultural consciência e preservação*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RÜSEN, Jörn. *O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral*. In: BARCA, Izabel.

MARTINS, Estevão de Rezende. SHMIDT, Auxiliadora. *Jörn Rüsen e o Ensino da História*, Ed. UFPR, Curitiba, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2013.